

Qual é o refúgio da ironia? Considerações sobre os usos retóricos na construção de um lugar de interação

Ivani Cristina Silva Fernandes

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil
icrisifer@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.802>

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a interdependência entre a ironia e a construção das imagens dos interlocutores em materialidades textuais de dimensão argumentativa. Considerando que os argumentos de natureza irônica promovem o funcionamento linguístico e evidenciam a ambiguidade enunciativa, a articulação de vozes e a confluência de interdiscursos, é necessário focar os fenômenos linguísticos a partir de uma ótica que valorize a (inter)subjetividade, a enunciação, os efeitos de sentido e a construção do *éthos*.

Palavras-chave: ironia; *éthos*; enunciação.

¿Cuál es el refugio de la ironía? Consideraciones sobre los usos retóricos en la construcción de un lugar de interacción

Resumen

El presente artículo tiene el objetivo de discutir la interdependencia entre la ironía y la construcción de imágenes de los interlocutores en materialidades textuales de dimensión argumentativa. Al considerar que los argumentos de naturaleza irónica promueven el funcionamiento lingüístico y evidencian la ambigüedad enunciativa, la articulación de voces y la confluencia de interdiscursos, se necesita enfocar los fenómenos lingüísticos desde una perspectiva que valore la (inter)subjetividad, la enunciación, los efectos de sentido y la construcción del *éthos*.

Palabras clave: ironía; *éthos*; enunciación.

Considerações iniciais

Nos tempos em que a tendência de atuar sob os parâmetros do que se nomeia “o politicamente correto” deixa suas marcas na materialidade da produção linguística, nos cabe perguntar qual seria o lugar exato da ironia e seus efeitos no que se refere à questão de aproximação e distanciamento entre os interlocutores e, conseqüentemente, na (co)elaboração de um espaço discursivo de interação, em particular quando estamos no âmbito argumentativo. Contudo, embora pertinente e instigante, é necessário ter claro, desde o início deste texto, que essa pergunta não nos conduzirá a respostas categóricas ou generalizadas, uma vez que são tênues os limites entre a crítica mordaz compartilhada *com* o interlocutor e a realizada *a partir* das ideias ou posturas do interlocutor.

No primeiro caso, existe a premissa de que o conhecimento supostamente compartilhado entre os interlocutores reforça a convivência, a cumplicidade e a empatia entre eles diante de uma determinada questão. Já no segundo caso, a percepção de que

existe uma crítica a ideias sancionadas no mundo discursivo do interlocutor tem como resultado a ruptura e/ou o choque de laços empáticos. De qualquer forma, se constrói conjuntamente um espaço de interação marcado ora por aproximações e concordâncias, ora por afastamentos e dissonâncias.

É evidente que, em se tratando de textos de natureza tipológica argumentativa, se espera que haja algum tipo de discordância entre pensamentos e posturas. No entanto, o momento em que a explicitação dos embates acontece e a percepção de a qual grupo cada um pertence marcam definitivamente o tipo de relação entre os interlocutores. Esperam-se determinados efeitos quando se esclarecem as posições dos interlocutores no início do processo de recepção textual. Algo bem distinto se obtém quando tais posições mudam drasticamente durante ou após o primeiro momento no processo de recepção. Portanto, o problema crucial se localiza quando se pretende um efeito, mas se provoca outro, devido ao cálculo inexato sobre a dimensão de conhecimento e posturas compartilhadas e aceitas entre os interlocutores.

A reflexão sobre todos esses fatores nos permite assegurar que, pelo menos, os efeitos da ironia congregam uma série de questionamentos sobre o perfil discursivo dos interlocutores, conhecimento efetivamente compartilhado, mundo discursivo e (co)construção enunciativo-discursiva de um espaço de interação. Mais do que uma figura retórica ou estratégia argumentativa, a ironia se revela como aspecto-chave para discutir questões atuais sobre funcionamento linguístico, processos enunciativo-discursivos e elaboração de imagens discursivas. Tal ponto se torna mais relevante quando o posicionamos no cenário, cada vez maior, de polêmicas criadas a partir de textos argumentativos do domínio jornalístico, cujos argumentos se baseiam majoritariamente na construção de ironias.

O que se presencia atualmente é a crescente dissonância entre a suposição do locutor sobre o conhecimento compartilhado com o interlocutor e o efeito patêmico da ironia referente à adesão à tese e à imagem discursiva do interlocutor e os resultados comprovadamente alcançados pelo emprego dessa prática. Convém pontuar que tais resultados estão distantes da efetividade e eficácia pretendidas inicialmente pelo locutor. Ao contrário, muitas vezes não só se revelam como um fracasso discursivo a partir da visão pragmática, como também contribuem para resultados diametralmente opostos aos esperados.

Dessa forma, se advoga que a análise de alguns aspectos relacionados à ironia, às imagens discursivas e ao lugar de interação possa colaborar para o entendimento desses fenômenos durante os processos de construção dessas imagens. Consequentemente, também se pretende que tal estudo se una às vozes que se preocupam em focar o funcionamento linguístico vinculado com a intersubjetividade, a intertextualidade, a interdiscursividade e os jogos de sentido ambíguos.

Para alcançar essa meta, o presente trabalho pretende guiar nossa reflexão a partir das noções discutidas na Linguística da Enunciação, na Linguística Textual, na Análise do Discurso, nos Estudos Retóricos e até, em alguns momentos pontuais, mobilizamos definições da Pragmática. Por outro lado, escolhemos os parâmetros do Paradigma Indiciário como eixo que orienta nossa postura metodológica. Como amostra, apresentaremos o artigo do jornalista Antonio Prata, “Guinada à Direita”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* de 03/11/2013.

Com base nesse conjunto, desejamos discutir a hipótese de que, devido às discrepâncias entre as imagens discursivas diferentes e os conhecimentos compartilhados dos interlocutores, a ironia esteja sendo condenada a um espaço particular e tendo os seus efeitos categorizados erroneamente como próprios do rótulo “politicamente incorreto”. Dessa forma, é imprescindível repensar o modo como se sistematiza a construção discursiva das imagens do enunciador e do enunciatário no cotidiano do trabalho com a materialidade linguística.

Fundamentação teórica: esboços sobre as noções de “enunciação-enunciado”, de “*éthos-pathos*”, de “argumentação” e de “ironia”.

As premissas que sustentam as reflexões e hipóteses aqui lançadas se baseiam em algumas noções que circulam, principalmente, nas áreas da Linguística da Enunciação, da Linguística Textual e dos Estudos Retóricos; além de também nos basearmos em algumas considerações advindas da Análise do Discurso. Essa articulação interdisciplinar visa entender mais detalhadamente as implicações existentes entre os efeitos da ironia, em especial em texto de dinâmica argumentativa, e a construção das imagens discursivas dos interlocutores.

Em primeiro lugar, temos que recuperar a noção benvenistiana de “enunciação” que enfoca “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de enunciação” (BENVENISTE, 2006[1965], p. 82). Tal concepção nos alerta para o protagonismo do sujeito no que se refere à gênese do funcionamento linguístico. No entanto, não como absoluto “articulador consciente” das “ferramentas linguísticas”, mas sim como desencadeador do movimento enunciativo-discursivo que, ao mesmo tempo, acaba ele mesmo sendo construído ao longo dessa dinâmica.

Considerando que a enunciação subentende um processo contínuo de apropriação e atualização da língua por parte do sujeito, temos a irrepetibilidade como marca central de tal fenômeno. Dessa forma, o enunciado surge como conceito para materializar o produto da enunciação, no qual alberga as coordenadas de pessoa, tempo e espaço como bem formulou Flores et al. (2009, p. 107). Como afirma Fiorin (2005, p. 31), “o sujeito, que por um ato, gera o sentido, é criado pelo enunciado” e será nessa materialidade que deixa as suas marcas. Portanto, conceber a materialidade linguística como enunciados nos permite enfatizar a interdependência da funcionalidade linguística, a (co)elaboração de imagens discursivas e a articulação de vozes.

Em segundo lugar, ao tratar sobre a questão de imagens do sujeito no discurso, a noção de *éthos* se revela imprescindível nessa discussão. Tal noção tem sua origem nos estudos sobre a tríade aristotélica — *éthos*, *pathos* e *logos* — que se disseminou durante os séculos com diversas terminologias. De qualquer forma, esses três eixos se referem aos âmbitos relacionados ao locutor, ao interlocutor e ao discurso, respectivamente.

Na Retórica, ao tratar sobre os argumentos e seus efeitos, Aristóteles concebe a existência do *éthos* quando a forma da construção linguística contribui para que o texto forneça efeitos de credibilidade a seu locutor, convertendo-o em um argumento. Cabe assinalar que o sujeito é considerado em sua dimensão psicobiológica, o que engloba aspectos extralinguísticos tais como gestualidade e indumentária, entre outros. Amossy (2006, p. 220) lembra que o *éthos* “trata-se de uma imagem de si que o orador produz no seu discurso, e não de sua pessoa real” e, portanto, expressa uma dupla face. Por um

lado, tal figura se vincula às virtudes morais (como benevolência e prudência, por exemplo) e, por outro, às características sociais (como caráter e tipo social).

Além dos próprios estudos retóricos, tal quadro permitiu que a Pragmática também fizesse uso desse princípio. Temos como exemplo os trabalhos ducrotianos, de natureza pragmático-enunciativa, sobre a definição de locutores L e λ ligada aos efeitos polifônicos. Para Ducrot (1987, p. 188-189), a “imagem que seduzirá o ouvinte e captará sua benevolência” é nomeada como *éthos* e, por isso, é “o caráter que o orador atribui a si mesmo pelo modo como exerce sua atividade oratória”. A continuação, o teórico conecta o *éthos* ao locutor L, uma vez que ele é fonte de enunciação e possui certas características que dotam a enunciação de aspectos agradáveis ou desagradáveis.

Outro emprego relevante na área da Pragmática se dá no campo da (Des)cortesia Linguística, já que se exploram arduamente as noções de imagens públicas dos interagentes que os locutores valorizam ou defendem por meio de mecanismos linguísticos com o objetivo de desenvolver satisfatoriamente a interação. Como observamos na literatura especializada, a metáfora da máscara se ajusta perfeitamente ao conceito de tal imagem, uma vez que é um modo como os indivíduos se assumem em uma interação.

Nos dias atuais, a Análise do Discurso também contribui para a disseminação do termo *éthos*, graças aos trabalhos de Maingueneau (2008a, 2008b, 2010), entre outros. A partir de suas reflexões, percebemos que o *éthos* possui características sócio-discursivas, já que se elabora por meio do discurso que, por sua vez, se localiza em uma determinada interação, dentro de um contexto sócio-histórico. Além disso, tem bases em um processo interativo de influência sobre o interlocutor. Desse modo,

[...] o *ethos* discursivo é coextensivo a toda enunciação: o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros discursivos (MAINGUENEAU, 2010, p. 79).

Para melhor apreensão do conceito, o pesquisador francês traça uma série de definições de natureza hierárquica e heteronímica. Assim, como constituintes de um *éthos*, temos um *éthos* pré-discursivo e discursivo. O primeiro é representado pela figura do fiador que surge como “um corpo enunciante historicamente especificado” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17), possuindo uma espécie de “caráter” e de “corporalidade”, de naturezas estereotipadas. Por outro lado, o segundo se bifurca no *éthos* dito (quando o locutor se refere a si mesmo na enunciação, caracterizando-se) e no *éthos* mostrado (quando seu esboço se dá por meio dos elementos linguístico-discursivos).

Parece evidente a relação entre enunciação e *éthos*, visto que, no enunciado, o enunciador deixa suas marcas, as quais criam um conjunto articulado de mecanismos linguísticos e estes, por sua vez, esboçam a figura ética (relativa ao *éthos*). Essa associação também evidencia a complexidade de aspectos que são mobilizados, pois na

[...] elaboração do *ethos*, interagem fenômenos de ordens diversas: os índices sobre os quais se apóia o intérprete vão desde a escolha do registro de língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modulação. O *ethos* se elabora, assim por meio de uma percepção complexa, mobilizadora de afetividade do intérprete, que tira

suas informações do material linguístico e do ambiente (MAINGUENEAU, 2008a, p.16).

Nesse ponto, se torna necessário recorrermos à noção de “*pathos*”, ou mais especificamente “efeito patêmico”. Tal instância se refere a uma dimensão emocional do interlocutor, mas que se vincula a uma estratégia discursiva e não a uma emoção entendida em termos psicológicos. Plantin (2006) destaca que existe uma busca de identificação empática entre os interlocutores que tem como fruto uma determinada construção discursiva, revelando a natureza intersubjetiva da linguagem. Aliás, devemos destacar que a subjetividade é a “capacidade do locutor para se propor como sujeito”, o que implica que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (BENVENISTE, 2006[1958], p. 286). Esse preceito benvenistiano nos leva a uma noção mais reveladora, a de intersubjetividade, em que o locutor, ao apropriar-se da língua, não somente se constrói discursivamente, mas também constrói a imagem do seu interlocutor. Em última instância, a presença de um “eu” significa necessariamente a presença de um “tu”, criando uma aliança inextinguível entre os interlocutores na elaboração do espaço de interação.

Continuando nosso percurso teórico, em terceiro lugar, dentro de tal quadro de (co)construção enunciativa de imagens, uma das tipologias¹ que mais explicita a interdependência do esboço do “eu” e do “outro” é a argumentativa. São inúmeros os gêneros discursivos² em que essa dimensão argumentativa predomina. De qualquer forma, dada a sua natureza interdisciplinar, revisitamos a concepção perelmaniana de argumentação.

Pues toda argumentación pretende la adhesión de los individuos y, por tanto, supone la existencia de un contacto intelectual.

Para que haya argumentación, es necesario que, en un momento dado, se produzca una comunidad efectiva de personas. Es preciso que se esté de acuerdo, ante todo y en principio, en la formación de una comunidad intelectual y, después, en el hecho de debatir juntos una cuestión determinada. Ahora bien, esto no resulta de ningún modo evidente (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989, p. 48).

A presente definição pressupõe que se enfatize o papel do interlocutor na construção de um discurso que tem como finalidade a adesão do outro com relação a determinadas ideias e posturas. Para isso, se necessita um conhecimento compartilhado (entendido aqui tanto em termos cognitivos, quanto em termos discursivos) e uma ênfase na articulação entre funcionamento linguístico que influencia diretamente no esboço da imagem dos interlocutores.

¹ Ao considerar a multiplicidade de perspectivas teóricas e estudos sobre o conceito de “tipologia textual”, concebemos essa noção, para os fins deste trabalho, a partir das considerações sociointeracionistas de Marcuschi (2008, p. 154) que a “designa uma espécie de construção teórica {em geral uma seqüência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística da composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}”.

² Seguindo a mesma linha de raciocínio que empregamos para definir “tipologia textual”, presente na nota anterior, definimos gênero textual como “textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Pensamos que a argumentação se apresenta como um espaço em que protagonizam tensões, perspectivas e imagens que ora confluem, ora se confrontam, ora se complementam em um âmbito onde reina a diversidade e a pluralidade. Assim, adotamos a mesma perspectiva de Grácio (2011, p. 120) quando recomenda que:

[...] é preciso, por um lado, considerar a argumentação como lugar de controvérsia onde se confrontam, avaliam e criticam entre si perspectivas dissonantes e, por outro, perceber que qualquer perspectivação de um assunto implica uma axiologização que procede à articulação entre o real e o virtual-ideal, o empírico e o normativo, o mundo e o contra-mundo.

Por fim, em quarto lugar, nos aproximamos de outra concepção complexa: a de ironia. Assim como para a definição de “argumentação”, existem inúmeras propostas para conceber a ideia daquele termo. A mais tradicional é aquela que apresenta a ironia como uma antífrase, ou seja, uma figura retórica, cujo conteúdo expressa o contrário do que se pretende dizer. Segundo Fiorin (2014, p. 69), a ironia “é um alargamento semântico”, que possui significado “de valor invertido, abarcando assim o sentido X e seu o oposto”, dado que “se finge dizer uma coisa para dizer exatamente o seu oposto”. O autor ainda destaca que a ironia segue um *continuum* constituído pelo gracejo, o escárnio, a zombaria, o desprezo, alcançando o seu extremo no sarcasmo.

A segunda concepção apresentada se dá no âmbito dos estudos sobre o procedimento de citação denominado eco, tais como Sperber e Wilson (1978). Nesse caso, mesmo considerando o sujeito pragmático e intencional, vemos o destaque no trabalho de articular vozes, determinar condições de produção e multiplicar efeitos de sentido. Embora haja uma perda no que se refere à eficácia cognitiva, pois se pressupõe um maior gasto de processamento, também se acredita que a construção de ironia propicie um ganho em efetividade se considerarmos que os efeitos de sentido são maximizados.

El hablante repite la proposición pero la aplica a un estado de cosas contrastante, volviéndola inadecuada, chocante. El desajuste entre el contenido de la expresión y la situación que se comenta con ella nos obliga a entender otra cosa distinta de lo dicho literalmente, procedimiento de interpretación que aplicamos, en general, a las figuras (REYES, 1996, p. 51).

Por outro lado, a terceira perspectiva sobre a ironia está elaborada no campo dos estudos polifônicos ducrotianos, dado que o teórico a indica como forma de demonstrar a validade de sua teoria que aponta tipos distintos de locutores.

Falar de modo irônico é, para um Locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele considera absurda. Mesmo sendo dado como o responsável da enunciação, L não é assimilado a E, origem do ponto de vista expresso da enunciação. A distinção do locutor e do enunciador permite explicitar o aspecto paradoxal da ironia [...]: de um lado, a posição absurda é diretamente expressa (e não mais relatada) na enunciação irônica, e ao mesmo tempo ela não é atribuída a L, já que este só é responsável pelas palavras, sendo os pontos de vista manifestados nas palavras atribuídos a uma outra personagem. (DUCROT, 1987, p. 198)

Ao ter em conta os objetivos deste trabalho, nos dirigiremos a uma perspectiva enunciativo-discursiva, defendida no trabalho minucioso de Brait (2008), que considera a inter-relação da ironia com a intertextualidade, com o interdiscurso e com a ambiguidade. Seguindo os preceitos da referida autora, poderíamos sintetizar a ironia como um efeito de sentido a partir de uma série variável de procedimentos discursivos, presentes em diferentes níveis linguísticos e de distintos gêneros textuais. Tal efeito visa à explicitação de determinados aspectos sociais, culturais ou estéticos presentes em uma argumentação indireta ou em uma perspectiva, que conta com a perspicácia, a cumplicidade e a conivência do interlocutor para concretizar-se. Desse modo, se mobilizam distintas vozes e se instaura uma polifonia caracterizada pela confluência de discursos.

Essa visão traçada se conjuga com o ponto de vista enunciativo que apresentamos no início de nosso percurso teórico, já que, para compreender os efeitos de sentido que implicam a ironia, o interlocutor necessita compartilhar com o locutor “a ambigüidade do enunciado, a duplicidade da enunciação” (BRAIT, 2008, p. 107). E, justamente, a (in)compreensão dessas ambigüidades e duplicidades enunciativas pode ter definitivas consequências no instante do surgimento de um esboço de um *éthos*, de um efeito patêmico e de uma finalização argumentativa promissora em termos discursivos.

Podemos adiantar que essa tarefa é hercúlea, dadas as constantes polêmicas jornalísticas na mídia impressa e digital presentes no domínio jornalístico. A postura extremada dos interpretadores vai desde a crítica por o ironista não se ajustar ao politicamente correto até a aceitação de um suposto sentido literal do enunciado irônico, o que denuncia o total fracasso desse procedimento. Em ambos os casos, os supostos efeitos irônicos naquele contexto são anulados, visto que destruímos qualquer impacto decorrente do emprego dessa figura retórica ao explicar a ambigüidade do enunciado e a duplicidade da enunciação.

Após esse breve percurso teórico, passaremos aos comentários analíticos por meio de amostras de materialidade. No entanto, antes lembramos que temos o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) como base metodológica, a qual valoriza os indícios secundários e não evidentes de um objeto para construir um conjunto complexo, seguindo um modelo de essência morelliana. Dessa forma, essa edificação de um arcabouço analítico nos permitirá refletir sobre as recorrentes condições da ironia como procedimento que auxilia a (co)construção de imagens e sentidos.

Críticas e elogios diante da *reductio ad absurdum*: ponderações sobre os efeitos da ironia no estabelecimento de uma relação empática entre interlocutores.

Como já mencionamos anteriormente, nossas reflexões se centram em uma amostra textual formada pelo artigo³ de opinião “Guinada à Direita”, de Antonio Prata,

³ Segundo Costa (2008, p. 34), um artigo é “um texto de opinião [...], que forma um corpo distinto na publicação, trazendo a interpretação do autor sobre um fato ou tema variado (político, cultural, científico, etc.) [...]. Ao contrário do editorial [...], o artigo geralmente vem assinado e não reflete necessariamente a opinião do órgão que o publica. A estrutura composicional desse tipo de texto varia bastante [...], mas

publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 03 de novembro de 2013. O recorte realizado se configurou, em especial, devido à repercussão desse texto em diferentes meios de comunicação⁴, o que resultou, posteriormente, em uma espécie de debate midiático entre os leigos e os profissionais do jornalismo e áreas afins sobre quais seriam os limites e a adequação da ironia na argumentação para o grande público nos tempos das redes sociais.

A princípio, traçaremos a estrutura textual do gênero, incluindo as possíveis escolhas estratégicas⁵ do locutor. O articulista pretende criticar o discurso caracterizado politicamente como de “Direita” radical por meio dos traços estereotipados. Como argumento quase exclusivo empregado no texto, temos o apagógico que, basicamente, “consiste em tomar uma proposição como verdade, para tirar conclusões absurdas e, assim, mostrar sua falsidade” (FIORIN, 2015, p. 143). Este tipo de argumento faz parte da taxilogia perelmaniana de argumentos, mais precisamente dos argumentos associativos quase lógicos: argumentos que aproximam elementos de naturezas distintas e, nesse caso, que mimetizam a estrutura de um raciocínio lógico, porém cujas conclusões resultantes não se caracterizam necessariamente por esse princípio racional de logicidade. Assim,

[...] el razonamiento por reducción al absurdo comienza por suponer como verdadera una proposición A para mostrar que las consecuencias son contradictorias con aquello a lo que se ha consentido y pasar de ahí a la verdad de no A, así la más característica argumentación cuasi lógica por el ridículo consistirá en admitir momentáneamente una tesis opuesta a la que se quiere defender, en desarrollar sus consecuencias, en mostrar su incompatibilidad con aquello en lo que se cree y en pretender pasar de ahí a la verdad de la tesis que se sostiene. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989, p. 324)

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989, p. 325-326) destaca a ironia como o principal modelo desse tipo de argumento e, ainda, nos aconselha que esse recurso se deve empregar em grupos bem delimitados, em que não haja dúvidas das opiniões do ironista, sob risco de convertê-la em um paradoxo. Tal mecanismo também supõe que existam conhecimentos compartilhados e complementares entre os interlocutores com relação a acontecimentos e normas. Por fim, o autor ressalta que é um procedimento de defesa da posição do oponente, uma vez que implica um conhecimento prévio de perspectivas que, supostamente, já foram atacadas implicitamente.

sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com fecho conclusivo, a partir da exposição das idéias ou argumentação / refutação construídas”.

⁴ A título de exemplo, conferir: RODRIGUES, S. A arte traiçoeira da ironia. *Veja.com*, São Paulo, 13 nov. 2013. Blog Sobre palavras. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/sem-categoria/a-arte-traicoeira-da-ironia/>>. Acesso em: 01 out. 2015 e SAKAMOTO, L. A ironia na internet: uma figura bonitinha, mas ordinária. *Blogosfera UOL*. São Paulo, 05 nov. 2013. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/11/05/a-ironia-na-internet-uma-figura-bonitinha-mas-ordinaria/>>. Acesso em 01 out. 2015.

⁵ Considerando os aspectos que desejamos explorar, convém definir, em linhas gerais, o que entendemos como conceito de “estratégia”, recorrente nos estudos pragmáticos. Com base nas palavras de Briz Gómez (2014, p. 84), para identificar esse conceito se deve reconhecer “un hablante, el director, que con una determinada intención, la meta, dirige y traza el plan a partir de una série de tácticas, y otro que es el oyente o destinatário”. Embora seja uma definição que considere o sujeito psicobiológico, dono do seu dizer, decidimos mobilizar essa noção devido à ênfase que se dá ao processo de produção textual no que se refere à questão estrutural e discursiva desenvolvida, mais ou menos de modo consciente, por parte do locutor.

Como poderemos comprovar a seguir, o texto escolhido se modela, à perfeição, nesse quadro descritivo no decorrer dos seus seis parágrafos: o ironista reproduz fragmentos discursivos próprios da formação discursiva⁶ da Direita brasileira radical e estereotipada, organizando-os de forma a conduzir o interpretador a conclusões implícitas absurdas caso se aceite o raciocínio tal como é mostrado.

É elementar recordar alguns traços que caracterizam o lugar social do locutor e que, conseqüentemente, são imprescindíveis para esboçar a figura do fiador: Antonio Prata (1977) é um conhecido e polêmico colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, além de ser escritor e roteirista por influência paterna, uma vez que é filho do também escritor, dramaturgo e cronista Mário Prata (1946). Os artigos jornalísticos do articulista em questão possuem um estilo marcado pela ironia, pelo sarcasmo e pela crítica mordaz e/ou visceral. Portanto, essas particularidades transferidas ao fiador, já orientam a esboçar determinado *éthos* que, por sua vez, surge de uma materialidade estilística e argumentativamente marcada. Tendo em conta o gênero artigo que se encontra em uma coluna semanal de um periódico, esse *éthos* já emerge como um argumento, em termos aristotélicos, independentemente do tema tratado, devido à credibilidade e à postura discursiva construídas no decorrer do seu trabalho frente a um grupo específico de leitores. Como enfatiza Amossy (2006, p. 220),

[...] o enunciador deve legitimar o seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. No entanto, ele não se manifesta somente como um papel e um estatuto, ele se deixa apreender também *como uma voz e um corpo*.

Dado o jogo de (inter)reflexos de imagens discursivas e (co)construção enunciativa, se presumem as matizes fundamentais da imagem desses interlocutores que valorizam o posicionamento crítico e o estilo perspicaz. Desse modo, o locutor, ao registrar suas marcas de autoria na materialidade, também imprime uma espécie de patemização, entendida em termos de efeitos visados, isto é, potencialmente bem ou mal sucedidos, mas nunca definidos *a priori* da enunciação. Partilhando a perspectiva de Charaudeau (2010, p. 40), o efeito patêmico no discurso “resulta de um jogo entre restrições e liberdades enunciativas”, a primeira entendida como contrato comunicacional (situação) e a segunda esboçada como espaço de estratégia (iniciativas discursivas do sujeito). No presente caso, em linhas gerais, os efeitos patêmicos visados são de empatia com fluidez leitora, adesão à perspectiva defendida e conivência ao estilo autoral adotado pelo locutor na materialidade.

Para articular a crítica no texto em questão, o colunista desenha, no parágrafo inicial, a figura de um fiador de tendência política direitista, simulando a negação de seu antigo *éthos* por meio de um *éthos* dito (todos os grifos nas sequências enunciativas são nossos)

⁶ Como sintetiza Maingueneau (2015, p. 83-84), essa noção, presente nos escritos de Foucault e Pêcheux, é empregada “para designar qualquer agrupamento de textos que não corresponde a nenhuma categorização reconhecida”, mas que pode constituir um conjunto de enunciados que convergem em direção a uma ideia, um aspecto ou uma mentalidade de determinado grupo. Nesse caso, tal formação, implicitamente, conduziria as falas e os pensamentos dos indivíduos desse grupo, conforme diferentes graus e estratégias.

- (01) Há uma década, escrevi um texto em que me definia como "meio intelectual, meio de esquerda". Não me arrependo. *Era jovem e ignorante, vivia ainda enclausurado* na primeira parte da célebre frase atribuída a Clemenceau, a Shaw e a Churchill, mas na verdade cunhada pelo próprio Senhor: "Um homem que não seja socialista aos 20 anos não tem coração; um homem que permaneça socialista aos 40 não tem cabeça". *Agora que me aproximo dos 40, os cabelos rareiam e arejam-se as ideias, percebo que é chegado o momento de trocar as sístoles pelas sinapses.*

Empregando a tipologia narrativa, marcada por enunciados em primeira pessoa, por argumento de autoridade, citações e uso de terminologias de várias áreas, o *éthos* dito se apresenta diacronicamente para dissimular a transição entre dois momentos de vivências: a fase jovem (caracterizada pelas ideias socialistas / esquerdistas, a ignorância, e a atitude emocional e romântica) e a fase madura (basicamente descrita como racional e sensata).

No entanto, esse *éthos* dito é uma impostura, pois era necessário fazer surgir um fiador / *éthos* que representasse a voz da formação discursiva da Direita política brasileira para que os efeitos de sentido da crítica irônica e sarcástica sobressaíssem. Esse "novo *éthos*" é confirmado pelo imaginário político conservador norte-americano ao se relacionar com o simbolismo do substantivo próprio "Texas":

- (02) A esquerda, contudo, sabe do poder libertário de uma piada de preto, de gorda, de baiano, por isso tenta nos calar com o cabresto do politicamente correto. Só não joga a toalha e *mudo de vez pro Texas* por acreditar que neste espaço, pelo menos, eu ainda posso lutar contra *esses absurdos*.

Cabe ressaltar a dimensão simbólica que a locução "esses absurdos", presente no penúltimo parágrafo, vai adquirindo durante todo o texto. O ponto de conexão que aproxima ou distancia as perspectivas entre os interlocutores se dá, justamente, no momento de identificar a quais absurdos o locutor realmente se refere e quais absurdos os interlocutores imaginam que o locutor aponta.

Considerando as condições de produção, se percebe que o estilo autoral continua semelhante ao dos demais artigos do colunista, em que se entrecruzam termos técnicos e léxico de registro informal, criando um efeito peculiar para o sentido emergente do texto ao contrapor às noções de irracional (jovem imaturo) / racional (adulto racional). Convém destacar o efeito intertextual dos termos / locuções da área biológica e social: "jovem" / "sístoles" / "socialista" e "40 anos" / "sinapses".

A partir disso, se presume que os interlocutores desconfiem de um jogo polifônico de natureza ducrotiana, em que o Locutor L assume os enunciados da formação discursiva de uma Direita conservadora e, ao se apropriar desse funcionamento, o exagera até deturpá-lo e transformá-lo em uma sátira. Essa postura satírica e ridicularizadora com relação à perspectiva da Direita é a real tese do Locutor L. Ou, ainda, se espera que os interpretadores identifiquem o modelo tripartido de Weinrich (1966), em que a vinculação empática entre locutor (que articula a ironia) e interlocutor-externo (que compreende a ironia) se concretize a partir da ridicularização da postura do "interlocutor-vítima" (que não reconhece a ironia).

O problema é que parte considerável dos interlocutores não percebeu esse aspecto, assumindo o papel de "interlocutor-vítima". Como nos lembra Mendes e Machado (2010, p. 09), "o ato de leitura é sempre um ato de recepção e que toda

recepção enfrenta a assimetria entre o que o Sujeito Comunicante tem a intenção de dizer e aquilo que o sujeito interpretante pode / é capaz de entender”. Isso ainda é mais agravado pelo fato de quase não se registrar o emprego de aspas, um dos mecanismos linguísticos clássicos para se identificar enunciados deslocados de seu texto e contexto originais.

No segundo parágrafo, o tom hiperbólico de catástrofe conjugado com o emprego de léxico disfêmico revela a figura caricatural do *éthos* mostrado que representa a formação discursiva de Direita. Aliás, tais mecanismos são constantes nos demais parágrafos.

- (03) *Como todos sabem, vivemos num totalitarismo de esquerda. A rubra súcia domina o governo, as universidades, a mídia, a cúpula da CBF e a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, na Câmara. O pensamento que se queira libertário não pode ser outra coisa, portanto, senão reacionário. E quem há de negar que é preciso reagir? Quando terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros tentam levar a nação para o abismo, ou os cidadãos de bem se unem, como na saudosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz, ou nos preparemos para a barbárie.*

Observem que, nesse fragmento, o locutor insinua que o seu ponto de vista é quase unânime por meio das locuções “Como todos sabem [...]” e “E quem há de negar [...]” dentro da estrutura de pergunta retórica, além de verbos e pronomes na 1ª pessoa do plural. Tais mecanismos produzem um efeito de empatia e concordância entre os interlocutores, esboçando uma espécie de comunidade intelectual como mencionou Perelman (1989).

Aliás, desde o subtítulo, se observa também uma divisão maniqueísta entre “nós” (os de direita e ‘cidadãos do bem’) e eles (de esquerda e representantes das ‘minorias’) que vão sendo designados conforme confluem os significados e os sentidos de verbos (como ‘caçar’, ‘avacalhar’); de substantivos (como ‘criolêu’, ‘bichas’); de adjetivos (como ‘despreparados’, ‘rançosas’), dos advérbios (como ‘reconhecidamente’) e de mecanismos morfossintáticos (como o diminutivo pejorativo do termo ‘boquinha’ ou o emprego do adjunto adnominal formado por pronomes demonstrativos ‘esse’ e ‘essa’). O funcionamento articulado desses mecanismos linguísticos faz surgir o simbólico na materialidade que não só se prende aos significados e sentidos dos referentes, como também se funde na figura do *éthos*.

É digna de nota a importância dos efeitos do interdiscurso e da ambiguidade a partir do acontecimento histórico relacionado à “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”⁷. Considerando os contextos históricos e situacionais referentes à ditadura brasileira e suas representações imaginárias, além do esboço do *éthos* do presente locutor, o enunciado “nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz” se caracteriza como ambíguo ao evidenciar uma duplicidade enunciativa, pois os interlocutores podem considerar incoerente a inferência de que “20 anos de ditadura equivaleram a 20 anos de paz”. O mesmo padrão se observa nas sequências a seguir:

⁷ Refere-se a uma série de manifestações realizadas em São Paulo, a partir de 19 de março de 1964, em resposta ao discurso de João Goulart, em 13 de março do mesmo ano, que defendia a desapropriação de terras, a reforma de base e o controle de cinco refinarias de petróleo. Tal discurso se converteu como representante da suposta “ameaça comunista”.

- (04) Negros ricos e despreparados caçoando da meritocracia que reinava por estes costados desde a chegada de Cabral.
- (05) [...] meu problema não é com os negros, mas com os privilégios das "minorias". Vejam os índios, por exemplo. Não fosse por eles, seríamos uma potência agrícola.

No último parágrafo, além de concentrar as principais articulações linguísticas já mencionadas, se apresenta, explicitamente, a bifurcação de vozes e de *éthé*. Ao se referir aos “antigos leitores” e “nova persona” (conceito junguiano que se refere a uma máscara, a um personagem que se apresenta como uma variante diferente da personalidade real do indivíduo), o locutor insinua que administra dois *éthé* e que um deles se delinea como “reacionário [...] de modo grosseiro, raivoso e estridente”. Com essa e as demais marcas linguísticas e contextuais, se espera que o interlocutor concorde com a crítica ácida que se realiza a esse *éthos* recém-criado.

- (06) Peço perdão aos antigos leitores, desde já, *se minha nova persona não lhes agradar*, mas no pé que as coisas estão é preciso *não apenas ser reacionário, mas sê-lo de modo grosseiro, raivoso e estridente*. Do contrário, seguiremos dominados pelo crioulo, pelas bichas, pelas feministas rançosas e *por velhos intelectuais da USP, essa gentalha que, finalmente compreendi, é a culpada por sermos um dos países mais desiguais, mais injustos e violentos sobre a Terra*. Me aguardem.

Como último comentário, é importante apontar o tom ameaçador com o qual o locutor finaliza o artigo, juntamente com a gradação de termos disfêmicos a diversos grupos sociais e a menção nada elogiosa (“essa gentalha”) à maior universidade pública brasileira (USP) como forma máxima de representação do grupo considerado elite intelectual do país. Embora não esteja presente na materialidade linguística, o fato de Antonio Prata — sujeito psicobiológico — ter estudado no curso de Filosofia da referida universidade tem consequências na imagem do fiador no sentido de, primeiramente, mostrar um paradoxo, para, depois, se revelar como mais um índice de que existe uma articulação de vozes *éthé*.

Como já foi mencionado anteriormente, a ironia implica que os interlocutores não só compartilhem conhecimento de mundo. Mais ainda, que compartilhem conhecimentos referentes a diversos âmbitos: histórico, social, ideológico, cultural, situacional e, inclusive, linguístico e de condições de produção textual. Em realidade, podemos lançar como hipótese que compartilhar o reconhecimento de um *éthos* também contribui para que se apreendam as ambiguidades inerentes nos enunciados irônicos, as quais revelam duplicidade de enunciações e vozes. Cabe destacar que, como podemos demonstrar, não existe um elemento linguístico que caracterize a ironia, mas sim um funcionamento linguístico que necessita ser apreendido na dinâmica contextual, de condições de produção, de movimentos enunciativo-discursivos. Algumas marcas podem ser indicadores, mas não atuam isoladamente.

Nesse momento, o raciocínio de Galinari (2007, p. 235-236) sobre “incorporação discursiva” nos auxilia a conceber o *éthos* e o efeito patêmico como eixos para que se (co)elabore um espaço de interação, em que confluem perspectivas e imagens, uma vez que a “capacidade do *éthos* de agir por *empatia, identificação e transferência*”, pode “conduzir o auditório a uma aproximação com o autor, o qual supostamente sentiria as coisas do mesmo modo que o seu”.

No entanto, essas supostas empatia, identificação e transferência não proporcionaram uma aproximação que corroborasse para a eficiência e a eficácia da argumentação, uma vez que, na prática, a imagem dos interlocutores foi mal direcionada e o efeito patêmico visado, quando provocou empatia, foi em detrimento da compreensão mais complexa e ampla da tese e dos argumentos apresentados⁸.

Diante da repercussão negativa do artigo, o articulista se viu obrigado a publicar um segundo texto — *Abaixo, a ironia* [sic] — para esclarecer as ambiguidades, destruindo, portanto, a ironia em nome da defesa de sua tese e de seu *éthos* habitual⁹. Ao direcionar estritamente o sentido de cada enunciado por meio da reorganização da materialidade do texto anterior de tal modo que explicitava sua postura diante dos argumentos, o locutor acaba modificando o efeito empático.

Durante a reflexão realizada nesse novo artigo, o articulista aponta as duas atitudes recorrentes dos interlocutores (os que concordaram ou não com a perspectiva, embora ambos não tenham identificado a ambiguidade). Porém, em ambos os casos, ao expor os problemas de recepção, o locutor termina por agredir a imagem discursiva dos interpretadores, resultando no distanciamento definitivo entre os *éthos* de enunciador e enunciatário. É no mínimo curioso que, nessa nova construção discursiva que visa à reflexão, não haja menção aos equívocos na construção do próprio *éthos* do locutor e de seu interlocutor ideal.

Esse conjunto inviabiliza a existência de uma identificação de imagens e prejudica a construção de uma interação nos moldes traçados pelo locutor. Mais uma vez os efeitos de sentido “fogem ao controle” do locutor, destruindo a ilusão da existência do locutor “dono do seu dizer”, o que leva ao insucesso das metas argumentativas, se pensarmos no âmbito pragmático.

Após os comentários realizados, pensamos que o fenômeno da ironia se constitui como um lugar privilegiado para refletir sobre o funcionamento linguístico e a dinâmica das construções simultâneas de vozes e imagens discursivas, permitindo que se discuta como as marcas de (inter)subjetividade tornam a língua um dos processos inerentemente humanos. Apesar de muito auxiliar na compreensão dos gêneros marcados pela tipologia argumentativa, os mecanismos de superestrutura, macroestrutura e microestrutura se tornam insuficientes para apreender as ambiguidades presentes nos

⁸ A título de amostragem, apresentamos um dos comentários presentes entre as dezenas de manifestações de leitores nos fóruns: Rere (238) 03/11/2013 19h42.

Parabéns, parabéns, parabéns, Antônio Prata! Parabéns pelo artigo corajoso, sem papas na língua. É de gente como você que precisamos nesse momento terrível por que passamos aqui no Brasil. Gente como você, como o Rodrigo Constantino, como o Lobão e outros. Deus queira que vocês acordem os que dormem ou que ingenuamente se atiraram nos braços desse governo pernicioso.

⁹ [...] Muita gente não entendeu: alguns se chocaram pensando que eu de fato acreditava que o problema do país era a suposta supremacia de negros, homossexuais, feministas, índios e o "poderosíssimo lobby dos antropólogos"; outros me chocaram, cumprimentando-me pela coragem (!) de apontar os verdadeiros culpados por nosso atraso. Volto ao tema para que não haja risco algum de eu estar reforçando as ideias nefastas que tentei ridicularizar [...].

Na crônica de domingo, achei que havia carregado o bastante nas tintas retrógradas para que a sátira ficasse evidente. Descrevi um quadro que, pensava eu, só poderia ser pintado por um paranóico delirante [...].

Com esse pano de fundo, ser "apenas" racista, machista, homo e demofóbico pode não soar absurdo. Quem se chocou achou o personagem equivocados, mas plausível. Quem me cumprimentou achou minha "análise" perfeitamente coerente [...].

enunciados irônicos e a produtividade persuasiva desse processo, uma vez que influenciam diretamente a (co)construção enunciativo-discursiva e a vinculação imprescindível entre interlocutores.

No entanto, por outro lado, a ironia exige uma atenção minuciosa no esboço do perfil do interlocutor e quanto aos possíveis efeitos patêmicos visados, dado que o funcionamento linguístico por ela requerido é de natureza dinâmica, complexa e múltipla, produzindo uma tensão entre significados e sentidos. Portanto, a ironia não é um recurso adaptável para qualquer interlocutor e em qualquer contexto, em especial quando se pensa em gêneros do domínio jornalístico os quais se vinculam à instantaneidade do suporte virtual. Mas isso não significa que a ironia deve ser proclamada como um fenômeno linguísticos próprio do “politicamente incorreto”, dado que tal movimento não se resume ao emprego de expressões consideradas, supostamente, agressivas e preconceituosas com relação a determinados grupos.

À guisa de conclusão provisória

O percurso teórico e analítico desse estudo nos permitiu identificar e problematizar a questão do alcance da ironia em gêneros de dimensão argumentativa vinculados a um conjunto muito amplo de interlocutores. Considerando que a ironia demanda uma diversidade de conhecimentos compartilhados, assim como a construção de vínculos que requerem a concordância, a convivência, a empatia e a identificação entre interlocutores, é basilar reivindicar o protagonismo dos jogos de imagens e vozes discursivas articulados em discursos que mobilizam a ambiguidade desse fenômeno linguístico. Noções como enunciação, enunciado, (inter)subjetividade, interdiscursividade, *éthos* e efeitos patêmicos devem ser consideradas no momento de discutir as nuances de determinado funcionamento linguístico em características específicas da interação construída.

Desse modo, apesar de estar presente em uma variedade de gêneros, a ironia é um fenômeno contraproducente quando não há um cuidado com a vinculação entre interlocutores e suas respectivas imagens discursivas. Deve-se articular enunciados de forma que a ambiguidade enunciativa e a dinâmica interdiscursiva estejam evidentes e consolidem a adesão e inter-relação entre as imagens dos interlocutores. A complexidade desse fenômeno não pode ser argumento para limitar a presença da ironia em determinados gêneros e práticas sociointeracionais, que se transformam em um refúgio de algo quase proibido.

Antes disso, se deve promover o trabalho analítico que vise destacar o funcionamento linguístico como motor dos efeitos de sentido. Ao evidenciar a influência do funcionamento linguístico na emergência do *éthos* e dos efeitos patêmicos, se deve ressignificar a ironia como espaço privilegiado para problematizar questões imagéticas, polifônicas e intersubjetivas e não delimitá-las em espaços elitistas e limitados. A compreensão do funcionamento linguístico e da apropriação da linguagem deveria ser algo democrático na interação e não camuflado sob a máscara de complexidade acessível apenas a poucos. A fim de contribuir para modificar tal situação, esperamos haver acrescentado nossa voz ao “coral” de estudos enunciativo-discursivos sobre a ironia e o *éthos*.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. *Ethos*. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 220-221.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006. 294 p.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, 295 p.
- BRIZ GÓMEZ, A. La atenuación lingüística. Esbozo de una propuesta teórico-metodológica para su análisis. In: SEARA, I. R. *Cortesía: olhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 83-144.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (orgs.). *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 181 p.
- DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da Enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-222, cap. VIII.
- FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005. 318 p.
- FIORIN, L. A. Ironia. In: _____. *Figuras Retóricas*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 69-72.
- _____. Reductio ad absurdum. In: _____. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 143-144.
- FLORES, V. N. et al. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009. 284 p.
- GALINARI, M. M. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (orgs.). *As emoções no discurso*. v. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 221-239.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 281 p.
- GRÁCIO, R. A. Do discurso argumentado à interação argumentativa. *EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*. Editores responsáveis: Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio Ferreira. n. 1. Ilhéus, novembro de 2011, p. 117-128. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revista/eidea>>. Acesso em: 10 set. 2014.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 11-29.
- _____. Problemas de ethos. In: MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008b. p. 55-73.
- _____. Ethos e apresentação de si nos sites de relacionamento. In: SILVA, M. C. P. S.; POSSENTI, S. (orgs.). *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010. Cap. 5, p. 79-98.

_____. As formações discursivas. In: MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 81-93.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. 295 p.

MENDES, E.; MACHADO, I. L. (orgs.). *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. 335 p.

PERELMAN, C. H.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de la Argumentación. La nueva retórica*. Madrid: Gredos, 1989. 855 p.

PLANTIN, C. Pathos. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 371-372.

PRATA, A. Guinada à Direita. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03 nov. 2013, Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2013/11/1366185-guinada-a-direita.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. Abaixo, a ironia. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 10 nov. 2013, Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2013/11/1369328-abaixo-a-ironia.shtml>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

REYES, G. *Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos*. Madrid: Arco Libros, 1996, 72 p.

SPERBER, D.; WILSON, D. Les ironies comme mentions. In: *Poétique*, Paris, Seuil, n. 36, p. 399-412, 1978.

WEINRICH, H. *Linguistik der Lüge*. Heidelberg: Lambert Schneider, 1966. 78 p.

Recebido em: 05/10/2015

Aprovado em: 15/12/2015